

A FORMAÇÃO DO COMPLEXO VERBO LEVE *ni* + DP NA LÍNGUA INDÍGENA PAUMARÍ (FAMÍLIA ARAWÁ)

*The formation of the complex "Light Verb ni + DP" in
Paumari (Arawa family)*

Guilherme Augusto Duarte Borges¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever e analisar o complexo verbal *ni* + DP da língua indígena Paumari (família Arawá) classificado na literatura descritiva dos pesquisadores-missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) como auxiliar + verbo (CHAPMAN, 1978; CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991; SALZER & CHAPMAN, 1997). Propõe-se que a raiz categorizada com vezinho *ni* não possa ser classificada em suas ocorrências como auxiliar, tendo em vista que possui a capacidade de manipular a estrutura argumental e por estar em uma estrutura de eventos. Esse verbo pode aparecer em ocorrências polissêmicas, tanto como verbo pleno, quanto em estruturas complexas, tomando um complemento nominal, chamado aqui de Construção de Verbos Leves (CVL). Para a análise, utilizo as ferramentas do modelo de gramática da Morfologia Distribuída (MD), que propõe que a sintaxe ocorra em todos os níveis da derivação, inclusive na estrutura interna das palavras (MARANTZ, 1997).

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLing-UFRJ). Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6418-2841> e-mail: guilhermeborges@letras.ufrj.br

Palavras-chave: Morfologia Distribuída; Semântica de Eventos; Verbos leves; Línguas Indígenas; Paumarí.

Abstract: *This paper aims to describe and analyze the verbal complex ni + DP of the Paumarí indigenous language (Arawá family) classified in the descriptive literature of the research-missionaries of the Summer Institute of Linguistics (SIL) as auxiliary + verb (CHAPMAN, 1978; CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991; SALZER & CHAPMAN, 1997). It's posited that the ni root after v-categorization cannot be classified as auxiliary, given its ability to manipulate the argument structure and being in a structure of events. This verb can appear in polysemous occurrences, either as a full verb or in complex structures, taking a nominal complement, called here Light Verb Construction (LVC). For the analysis, I use the tools of the Distributed Morphology (DM) framework, which proposes that syntax occurs at all levels of derivation, including the internal structure of words (MARANTZ, 1997).*

Keywords: *Distributed Morphology; Events Semantics; Light Verbs; Indigenous languages; Paumari.*

Introdução

Este trabalho realizará uma análise gramatical de estruturas verbais na língua indígena Paumarí, família Arawá, falada pelo povo indígena Paumarí, localizados nas proximidades do rio Purus, no estado do Amazonas. Não é uma língua muito estudada do ponto de vista formal. Para investigá-la, dispomos de dados coletados pelos pesquisadores Shirley Chapman, Meinke Salzer e Desmond C. Derbyshire (1978, 1991, 1994), missionários do *Summer Institute of Linguistics* – SIL, ou seja, dados de fontes secundárias.

A língua apresenta diversos núcleos funcionais bastante produtivos, como aplicativos e causativo, por exemplo. Tendo em vista a complexa estrutura verbal que a língua apresenta, é de se esperar que, devido à época em que os trabalhos foram realizados, algumas descrições tenham sido observadas de maneira equivocada, se levarmos em consideração as teorias linguísticas mais recentes. Convém destacar ainda, que o que chamo de teorias linguísticas mais recentes, e que assumo aqui como modelo de análise, o modelo construcionista² de Gramática Gerativa, a

² É importante salientar que o que chamo de “modelo construcionista de Gramática Gerativa” um modelo não-lexicalista sintaticocêntrico em que a “construção” da estrutura sintática precede a noção de categoria e palavra lexical, exemplificado em modelos tais como a Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997) e o modelo Exoesqueletal (BORER, 2003, 2005). Não confundir com teorias cognitivo-funcionais como a Gramática de Construções (FILMORE, 1988; GOLDBERG, 1995) em que a construção das estruturas tem precedência semântico-pragmática em detrimento de estruturas sintáticas.

Morfologia Distribuída (MD), como em Marantz (1997) e outros trabalhos, que em momento oportuno, menciono.

A MD propõe uma separação do léxico tradicional em três listas distribuídas, que armazenam elementos básicos e atômicos que alimentam a computação sintática. A Lista 1, ou léxico estrito, contém os núcleos funcionais e traços universais, além das raízes acategoriais que abastecem a Computação. É a lista primordial da GU humana que abastece a computação e são selecionadas através da operação de Numeração e posteriormente Concatenadas (*merge*) na estrutura sintática. A Lista 2 é o Vocabulário, lista esta que contém os expoentes fonológicos responsáveis por atribuírem “som” aos nós terminais estabelecidos pela Computação. A Lista 3, Enciclopédia, armazena o conhecimento de mundo e é responsável pelos significados idiomáticos e significados arbitrários das raízes. As duas últimas listas representam de maneira geral, o conhecimento paramétrico da gramática do falante. As principais propriedades deste modelo que se diferenciam de outros modelos gerativistas de gramática são: Sintaxe por toda a derivação, a Inserção Tardia e o Princípio do Subconjunto, que rege Subespecificação de peças de vocabulário.

A Sintaxe por toda a derivação é a propriedade que se refere à atuação da computação Sintática em todos os níveis, isto é, também no nível de palavra, além da sentença. Operações como concatenar (*Merge*) e mover (*Move*) atuam internamente, no que tradicionalmente se conhece como “palavra”. Inserção Tardia propõe que a sintaxe não carrega material fonológico, apenas traços. A fonologia é aplicada pós-sintaticamente, com o pareamento de fonemas com os traços gramaticais. O Princípio do Subconjunto determina que os itens de vocabulário não precisam ser completamente especificados para a inserção de itens em um nó sintático. Nesse sentido, decorre a propriedade da Subespecificação de peças de vocabulário, que tem relação também com a Lista 2 e refere-se ao pareamento de itens vocabulares *default*, no que tange a traços menos especificados, isto é, não é necessário especificar todos os traços para todos os itens de vocabulários.

Não obstante, a minha análise pretende adaptar para a realidade empírica do Paumarí, as diversas propostas dos trabalhos citados anteriormente, e de outros que, em momento oportuno serão mencionados, de modo a contribuir com dados de uma língua pouco explorada e em vias de extinção, para o quadro da Morfologia Distribuída.

Este artigo está dividido em 5 seções: a seção 1 é a introdução; na seção 2, apresento um panorama superficial dos principais aspectos gramaticais da língua Paumarí, que serão pertinentes para o restante do artigo; a seção 3 introduz especificamente o verbo *ni* e suas descrições como pleno e auxiliar; na seção 4, apresento minha análise para o verbo *ni*, tanto como um verbo pleno com sentido de “dizer”, quanto como um verbo leve em um predicado complexo; a seção 5 é a conclusão do artigo.

Aspectos gramaticais do Paumarí

Apresento, nesta seção, alguns aspectos gerais da gramática da língua Paumarí que serão relevantes para o entendimento do assunto abordado nas próximas seções do artigo. Aqui, serão expostas algumas explicações breves com o auxílio de diversos exemplos, para compreensão do comportamento morfossintático da língua, descritos nos trabalhos descritivos do *Summer Institute of Linguistics* – SIL, com foco nos trabalhos de Chapman (1978), Chapman & Derbyshire (1991), Salzer & Chapman (1997) – doravante “pesquisadores do SIL”³, além de trabalhos mais recentes reinterpretando alguns aspectos da gramática dentro de um panorama da Morfologia Distribuída, como em Vieira (2006, 2010), Oliveiras (2008).

2.1 Ordem dos constituintes e os sistemas de Caso

A disposição dos verbos e seus argumentos em Paumarí varia consideravelmente dependendo do sistema de Caso envolvido, segundo os pesquisadores do SIL. A língua apresenta sistema de Caso cindido, coexistindo o sistema ergativo-absolutivo e o sistema de nominativo-acusativo a depender da ordem dos constituintes das sentenças. A ordem básica para estruturas ergativo-absolutivas é sujeito-verbo-objeto (SVO) em construções transitivas e verbo-sujeito (VS) em construções intransitivas. Quando a manifestação do padrão ergativo-absolutivo é engatilhada, o sujeito transitivo é marcado com o a expressão fonológica /a/, para Caso ergativo, ao passo que o objeto e o sujeito intransitivo ocorrem precedidos pelo demonstrativo – que concorda em gênero com o DP pós verbal, e marcados com Caso absolutivo, com expressão fonológica /Ø/. Importante notar que o verbo concorda em

³ A partir desse momento, para evitar repetição excessiva, irei me referir a estes três trabalhos de maneira unificada como “pesquisadores do SIL”, apenas utilizando as referências específicas, em momentos específicos, como nos exemplos dos dados da língua.

número e pessoa com o sujeito transitivo ergativo em 3ª pessoa, e concorda em gênero com o objeto e o sujeito intransitivo. Observe:⁴

a) Mamai-a bi-soko-ki ida makari-Ø. (SVO)

mãe-Erg 3Sg-lavar-mod dem roupa-Abs

“Mamãe lavou a roupa.”

b) Abini-ki ida arakava-Ø. (VS)

morrer-mod dem galinha-Abs

“A galinha morreu.”

O padrão nominativo-acusativo coexiste com o ergativo-absolutivo. Neste sistema Casual, o sujeito transitivo, também é precedido pelo demonstrativo, se manifesta em ordem pós-verbal, engatilha concordância de gênero no sufixo verbal e recebe Caso nominativo, cuja expressão é /Ø/. O objeto, aparece precedendo o verbo, em Caso acusativo, recebendo a expressão fonológica /ra/, derivando assim a ordem objeto-verbo-sujeito (OVS).

a) ho-ra kaihamamahi-ha ada isai-Ø. (OVS)

1sg-Acc zangar.se-mod dem menino-Nom

“O menino se zangou comigo.”

Também há a ordem sujeito-objeto-verbo (SOV), como exemplificado em (3), mas nesta ordem, o sujeito transitivo precede o objeto e não vem acompanhado pelo demonstrativo e nem engatilha concordância de gênero.

Mamai-Ø ho-ra baranaha-i'-hi. (SOV)

mãe-Nom 1Sg-Acc chamar-Asp-mod

“Mamãe me chamou.”

Causativas

O Paumarí apresenta uma peça de vocabulário para causativização: /na/. Bastante produtivo na língua, o núcleo causativo pode ocorrer em praticamente todos

⁴ Legendas da glosa utilizada neste artigo: #sg: singular; #pl: plural; abs: absolutivo; acc: acusativo; apl: aplicativo; asp: aspecto; aux: auxiliar; def: definido; caus: causativo; erg: ergativo; fem: feminino; dem: demonstrativo; intrans.: intransitivizador; leve: verbo leve; masc: masculino; mod: modal; nom: nominativo; obl: obliquo; poss: possessivo; nomlz: nominalizador; perf: perfectivo.

os tipos de verbos intransitivos, sejam de mudança de estado, mudança de lugar, atividade e estado:

a) Vithi-ha ada isai
Sentar-mod dem menino

“O menino sentou”

b) O-na-vithi-ha ada isai.
1sg-Caus-sentar-mod dem menino

“*Eu sentei o menino” (= fiz o menino sentar.)

Aplicativos

Diversos elementos morfológicos descritos pelos pesquisadores do SIL são apresentados de maneira vaga e um tanto confusa. Alguns destes elementos, especialmente os introdutores de argumentos, são classificados nos trabalhos dos pesquisadores do SIL algumas vezes como “transitivizadores” e outras vezes como “benefactivos” e “comitativos”.

Estes morfemas introdutores de argumentos foram reinterpretados como “morfemas aplicativos” dentro de um panorama da Morfologia Distribuída. Especificamente, foram descritos e analisados por Vieira (2006, 2010), com base na tipologia de Pyllkkänen (2002) de aplicativos altos e baixos.

Em seus trabalhos, Vieira (2006, 2010) observa que o Paumarí possui três aplicativos altos e um baixo: os itens *ka-*, *'a-*, *va-/vi-*, para aplicativos altos e o item de vocabulário descontínuo *ka-...-hi* para aplicativo baixo. Para meu interesse neste artigo em específico, focarei apenas no aplicativo alto *'a*.

O aplicativo alto *'a* ocorre em estruturas intransitivas em predicados complexos de verbos “auxiliares” e reorganiza a estrutura, licenciando um novo argumento.

a) Vara 'o-ni-na.
conversa 1sg-aux-Mod

“Eu converso”

b) Vara ho-ra ni-'a-hi ida kodi-isai
Conversa 1sg-acc aux-apl-mod dem Poss-criança

“O meu filho conversou comigo”

Vieira (2006) observa que os verbos intransitivos com auxiliar, que classifica como Nome+AUX, nunca aparecem prefixados com o causativo *na*. Por essa observação, a autora classifica estes verbos como sintaticamente inergativos por restringirem introdução de argumento externo pelo morfema causativo, possivelmente por já carregarem um argumento externo; para reforçar sua afirmação, a autora recorre aos pressupostos de Hale & Keyser (1991) que demonstram que os intransitivos inergativos de maneira universal são compostos de um nome mais um verbo leve, seja ele expreso ou não.

Classificação geral dos verbos em Paumarí

Os Pesquisadores do SIL classificam dois grupos de verbos em Paumarí. O primeiro grupo é o dos verbos que se *flexionam* diretamente no núcleo verbal. Dentro desse grupo podem se encaixar verbos como *giha* (grelhar), *abini* (morrer), *hado* (cortar), *nako'di* (procurar), *sajo* (ser afiado), *vithi* (sentar). Observemos os exemplos abaixo:

a) bi-giha-hi ida boda.
3Sg-ralar-Mod dem mandioca

“Ele ralou a mandioca”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 335, adaptado)

Um segundo grupo de verbos definido pelos autores são os que necessitam do verbo “auxiliar” *ni* em núcleo verbal para funcionarem corretamente, ocorrendo soltos na construção com *ni* como núcleo verbal. A esse grupo são atribuídos os verbos *vara* (falar), *gira* (mover-se), *viro* (balançar), *bara* (ser da cor escura), *bada* (trabalhar), *jodi* (sentar no topo), *khai* (ser feliz), *tootoo* (bater), *bavi* (alargar), *vada* (olhar para) e *daró* (inclinar), como exemplificado abaixo:

a) bavi bi-ni-'a-hi ida hagihi
alargar 3Sg-Aux-Apl-Mod dem trilha

“Ele alargou a trilha”

O verbo *ni*

Ocorrências do verbo *ni* como verbo pleno

O verbo *ni*, segundo as descrições dos pesquisadores do SIL, pode ocorrer em alguns casos como verbo pleno com significado de *dizer*⁵. Os exemplos abaixo atestam esse caso:

a) Ni-hi 'ida gamo.
dizer-Mod dem mulher
“A mulher disse”

b) Ho-ra ni-'a-hi ida gamo.
1sg-Acc dizer-Apl-Mod dem mulher
“A mulher me disse.”

(CHAPMAN, 1978, p. 20, adaptado)

Como mostrado nos exemplos, *ni* pode funcionar como um verbo com significado de *dizer*, ocorrendo em um contexto intransitivo, ou pelo aumento de valência por meio do aplicativo 'a tornando-o um verbo transitivo. Em (9) temos a comparação com o verbo falar, *vara*, verbo classificado como do segundo grupo, segundo os pesquisadores do SIL:

a) Maria-ra vara o-ni-'a-ki ho.
Maria-Acc fala 1Sg-Aux-Apl-Mod 1Sg
“Eu vou falar para Maria”

b) varai-ra o-ni-'a-ki ho.
Falar-2Sg-Acc 1Sg-Aux-Apl-Mod 1Sg
“Eu vou falar para você”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 332, adaptado)

3.2. Descrição do verbo *ni* como auxiliar

⁵ Adaptei o significado para o verbo “dizer” em português, tendo em vista a palavra original definida em Chapman & Derbyshire (1991) “say”. Para uma tradução mais próxima da estrutura intransitiva em português, assim como em Paumarí, uma tradução mais apropriada poderia ser o verbo “falar”, apesar de *vara+ni* já ser traduzido dessa maneira.

Os Pesquisadores do SIL relatam ainda, que o verbo *ni* é um auxiliar que aparece nas sentenças em núcleo de VP, acompanhando os verbos do segundo grupo.

Observemos os exemplos abaixo:

a) Tootoo bi-ka-ni-‘a-‘i-hi ida bakatha.
Bater 3sg-Apl-aux-Apl-Asp-Mod dem porta
“Ele bateu na porta.”

b) Daro kha-ni-ni ida mesa.
inclina Intrans-aux-Mod dem mesa
“A mesa está inclinada”.

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 335, adaptado)

Os exemplos acima são ilustrações gerais da ocorrência de *ni* em Paumarí. Para os autores, o verbo pode ocorrer tanto em sentenças transitivas quanto em sentenças intransitivas com verbo principal “não flexionado” (sic). Na subseção seguinte, apresento minhas análises e uma proposta para este verbo, que não será entendido como auxiliar e sim como verbo Leve.

Análise do verbo *ni*

Análise de *ni* como verbo pleno

Como apresentado nas seções anteriores, a primeira possibilidade de ocorrência do verbo *ni* pode ser descrita como verbo pleno. Isto significa que pode ocorrer em uma estrutura inergativa com apenas um argumento agente, ou em uma estrutura aplicativizada por meio do morfema ‘a, onde há a liberação de um novo argumento, sendo associado a uma estrutura semanticamente transitiva. Estes casos foram exemplificados no exemplo em (9), que repito abaixo (12):

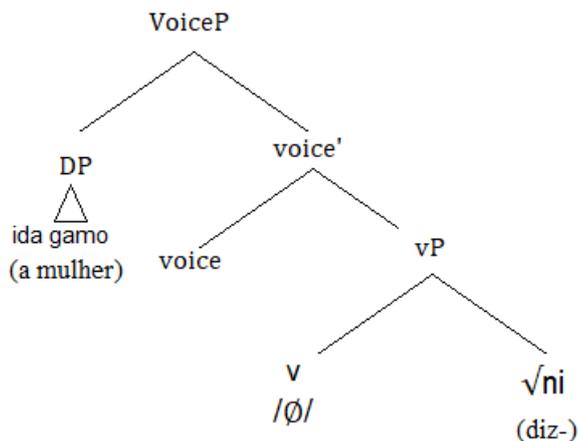
a) Ni-hi ‘ida gamo.
dizer-Mod dem mulher
“A mulher disse”

b) Ho-ra ni-‘a-hi ida gamo.
1sg-Acc dizer-Apl-Mod dem mulher

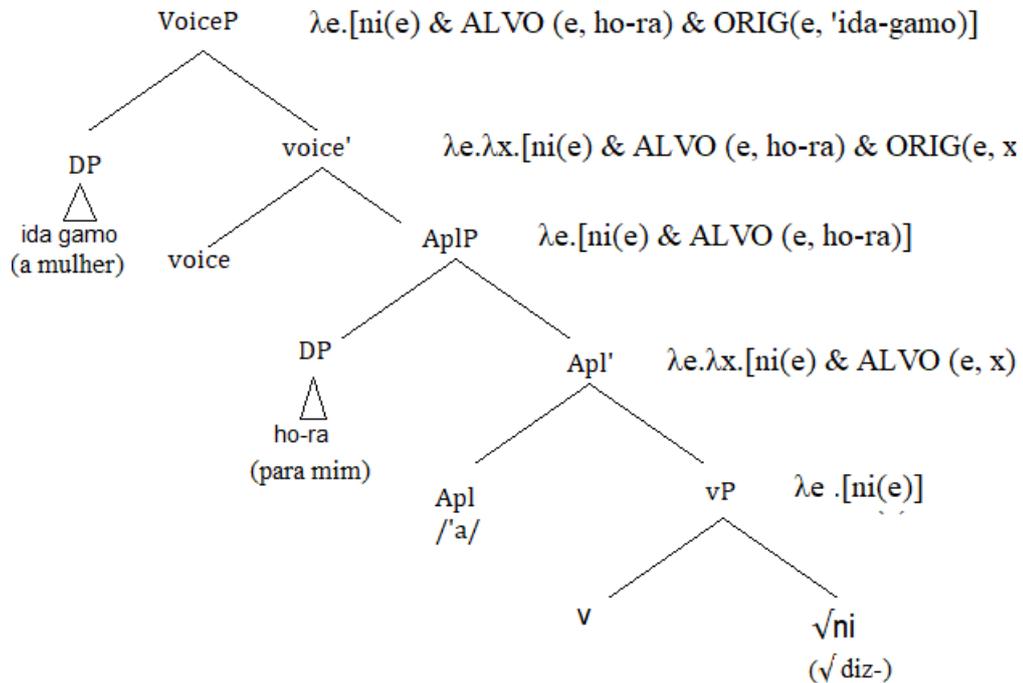
“A mulher me disse. ”

A partir desses dados, como se dá a derivação do verbo *ni* pleno?

Proponho que a operação de Numeração carregada da Lista 1 a raiz referente à raiz *ni* junto de um categorizador verbal vizinho inergativo – pós-sintaticamente inserindo expoente fonológico /Ø/ da Lista 2 (Vocabulário), que categoriza a raiz *ni* na Computação, enviando para Spell-out e fechando assim sua fase. A interpretação dada pela Lista 3 (Enciclopédia) para esta estrutura verbal é de “dizer” literal. Junto ao vP se adjunge o núcleo Voice que forma a estrutura verbal completa com sujeito agente. Na estrutura abaixo (13), apresento minha proposta para o verbo *ni* pleno, com interpretação literal, com significado de “dizer”, do exemplo em (12a):



Tendo uma interpretação plena de um verbo de estrutura inergativa, o verbo *ni* apresenta apenas um argumento dado semanticamente como agente (ou, como defino abaixo, Originador do evento). Quando há a liberação de um argumento por meio do aplicativo ‘a, como no exemplo em (12b), “*ho-ra ni-‘a-hi ‘ida gamo (=a mulher me disse)*”, este complemento ocuparia uma posição mais alta em relação ao verbo, devido a presença do núcleo aplicativo em Apl. A seguir, apresento a estrutura completa, inclusive com a descrição do cálculo semântico proposto para o evento denotado:



Seguindo a noção de semântica de eventos neodavidsoniana, como proposta por Parsons (1990) e seguindo a estrutura argumental e de eventos (com algumas adaptações) apresentada para o português brasileiro em Scher, Medeiros & Minussi (2011), a interpretação pode ser explicada da seguinte maneira: após raiz *ni* ser categorizada por um vezinho inergativo trazido na Numeração da Lista 1, e sofrer *Spell-out* e fechar uma fase, como relatado anteriormente, dois eventos ocorrem em LF ao longo da derivação, sendo representado por duas variáveis eventivas: *e*, que introduz logicamente o evento mais interno e *x* que apresenta o novo elemento adicionado a cada passo da expressão lógica. Cada elemento argumental adicionado à derivação não tem papel temático, e sim papel aspectual, como descrito pelos rótulos ALVO e ORIG, que representam respectivamente o aspecto do argumento adicionado pelo aplicativo (que defino aqui como “alvo”) e o argumento externo em Voice com papel de Originador do evento.

Análise de *ni* como verbo leve

Como definido por Chapman & Derbyshire (1991) e outros pesquisadores do Paumarí, a construção “Aux+Verbo” ocorreria com alguns verbos da língua como os já citados - na seção 3, *bada* (trabalhar), *mitha* (escutar), *vara* (falar), *noki* (ver), *daro* (inclinar). Para Vieira (2006), o verbo auxiliar *ni* tomaria um complemento nominal (N + aux). Em minha proposta, adoto que a raiz *ni* é categorizada por um vezinho e

adjungida a um complemento DP formando um complexo de Construção de Verbo Leve. Minha releitura deste verbo, pode ser vista na tradução dos exemplos abaixo:⁶

a) vara 'o-ni-na.

Conversa 1sg-Leve-Mod

“Eu dou uma conversada”⁷ (= “eu converso”, no original)

b) mitha 'o-ni-na.

Escuta 1sg-Leve-Mod

“Eu dou uma escutada” (= “eu escuto”, no original)

(CHAPMAN, 1978, p.19, adaptado)

A pergunta que pode nos suscitar dúvida seria: é possível que um verbo que forma uma interpretação de “dizer” possa atuar como leve? Pode-se tomar esta possibilidade por meio de duas visões dentro da Gramática Gerativa: i) lexicalista⁸, e ii) construcionista, este último, nossa base de análise.

Tendo em vista a linha do modelo em i) lexicalista, apresento dados em Amberber (1996) sobre transitividade verbal. O autor analisa diversas construções auxiliares e leves, em especial na língua amárica (família Semítica):

a) t'armus-u sabara new.

garrafa/vidro-Def quebrado está.Perf.Fem.Sg

“A garrafa está quebrada.”

b) t'armus-u sabara hone.

garrafa/vidro-Def quebrado tornar-se.Perf.Masc.Sg

“O vidro ficou (tornou-se) quebrado.”

(AMBERBER, 1996, p. 194-195)

Em (16a) e (16b), as sentenças em amárico apresentam a ocorrência do verbo auxiliar *new* (estar) e do verbo auxiliar *hone* (tornar-se) respectivamente, junto da forma participial *sabara* (quebrado). O autor apresenta que estes eventos tenham uma

⁶ Adoto a glosa da raiz *ni* como Leve por questões analíticas; considero a raiz acategorial e sem material semântico *a priori*, dentro de um contexto sintático.

⁷ Tradução minha, com mudança de sentido para interpretação de verbo leve em PB.

⁸ Incluímos um trabalho de base gerativa lexicalista (também chamado de projecionista) para o enriquecimento de nossa análise e para efeitos comparativos com outras línguas não aparentadas; porém defendemos uma análise de base construcionista (não lexicalista).

ideia aspectual de *State* e *Achievement*⁹, respectivamente. Observemos agora os exemplos abaixo:

a) t'armusu sibbir ale.
 garrafa/vidro-Def quebrar dizer.Perf.Masc.Sg
 “O vidro quebrou. ”

b) lemma t'armus-u-n sibbir edarraga.
 Lemma Garrafa/vidro-Def-Acc quebrar fazer.Perf.Masc.Sg
 “Lemma quebrou o vidro. ” (= “fez quebrar”)

Como podemos observar, as sentenças em (17a) e (17b) apresentam diferenças morfossintáticas bem importantes em relação aos exemplos com verbos auxiliares: a ocorrência de uma estrutura complexa, em que *sibbir* é a forma infinitiva “quebrar” junto do verbo *ale* (disse) e *edarraga* (fazer) em suas formas conjugadas perfectivas, cria uma estrutura complexa muito similar às construções de verbos leves mencionadas no artigo. Amberber defende que nesta língua os verbos plenos *ale* e *edarraga*, por terem bastante produtividade neste tipo de construção, funcionam como uma CVL em amárico. O autor, em adição, exemplifica:

Lemma yi-hedal ale.
 Lemma ir-3Sg.Masc dizer.3Sg.Masc
 “Lemma disse: ‘Ele vai’. ”

Nesta estrutura, o autor demonstra que o verbo *ale* funciona perfeitamente como um verbo pleno “dizer”. É interessante notar que na maior parte das línguas documentadas, as construções com verbos leves são realizadas com verbos como *ter*, *fazer*, *tomar*, *dar*, etc, assim como defendido por Butt (2010). Nos registros já realizados, é bastante raro que um verbo pleno como “dizer” funcione como leve, como atestado em amárico, e em minha análise com o *ni* em Paumarí. Apesar disso, análise em questão se volta para um modelo não-lexicalista, no que concerne à estrutura argumental em que se insere o complexo verbal leve, diferindo-se estruturalmente do modelo utilizado pelos autores mencionados como Butt e Amberber, além é claro, suscitar uma interpretação em uma estrutura de eventos.

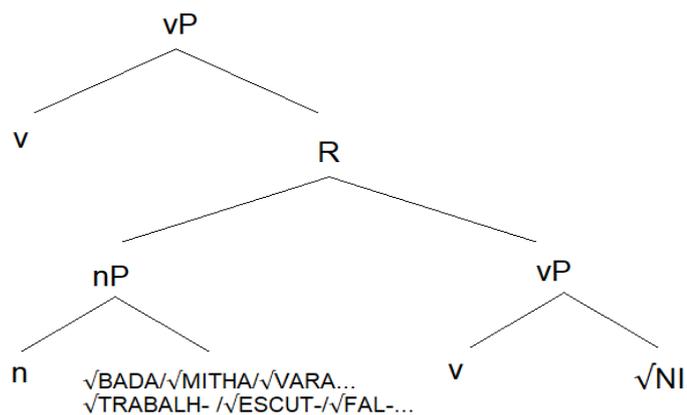
⁹ Adotando uma análise nas linhas de Vendler (1967).

Tomando como premissas em ii) dos modelos de gramática de cunho construcionista como Morfologia Distribuída e a Exo-Esqueletal, Pederneira (2015) ao realizar análises em PB, atesta que todos os verbos têm potencial de se comportarem como leves. Não é uma capacidade inerente a uma raiz, e sim uma capacidade que surgiria na estrutura ou do contexto sintático em que se inserem, ou seja, do tipo de ambiente sintático e do evento que emergiria na interpretação pós sintática. Assim, os verbos em PB como tomar, correr, matar, pegar, dentre outros, podem se comportar como leves em certos contextos, como nos exemplos abaixo:

- a) Maria tomou um ônibus.
- b) Os alunos correram um abaixo assinado.
- c) Marcos matou a bola no peito.
- d) Maria pegou aquele rapaz

(PEDERNEIRA, 2015, adaptado)

Qualquer verbo, segundo os modelos construcionista de Gramática Gerativa, pode se comportar como leve, tomando um complemento para a formação de uma estrutura complexa com uma semântica eventiva. Partindo desta premissa, proponho a seguinte estrutura para o complexo *nome+ni* em Paumarí:



Na estrutura em (20), a raiz categorizada como verbo *ni* tem sua interpretação como verbo leve modificada da sua contraparte plena por conta do contexto sintático em que está inserida, c-comandada por um elemento R (relacionador), que seleciona

também como um complemento nominal¹⁰ como *vara* (falar) ou *mitha* (escutar). Diferentemente de propostas como de Scher, Medeiros & Minussi (2011) e Harley (2014), em que a raiz pode predicar, ou seja, pode tomar um complemento DP e formar um sintagma raiz (\sqrt{P}) em minha proposta adoto uma visão mais recente de trabalhos como Bassani & Minussi (2015), Nóbrega (2015) e Nóbrega (2020), em que raízes apresentam propriedades defectivas, isto é, para serem consideradas objetos sintáticos manipuláveis na computação e interajam com as interfaces, necessitam ser categorizadas.¹¹

Nesta posição mais interna ao núcleo verbal, *ni*+nome receberão uma leitura idiomática. A interpretação especial destas estruturas se dá devido a cada uma das raízes estar ocupando um domínio local com seu próprio núcleo categorial – *n+v*, estando em um mesmo domínio de *Spell-out*, já que o R não dispara uma interpretação, apenas funciona como elemento de relacionamento gramatical entre os núcleos mais internos (NÓBREGA, 2020).

Esta estrutura pode ser equiparada à leitura de uma expressão idiomática em comparação à sua contraparte literal. Uma expressão em inglês como “kick the bucket”, por exemplo, é modificada aspectualmente devido ao seu complemento, tomando uma interpretação especial como “morrer”, diferente da contraparte literal “usar o pé para derrubar o objeto balde”. Mais específico ainda, tanto a leitura idiossincrática quanto a estrutura proposta são bastante similares à proposta de palavras compostas de Nóbrega (2020) como *bate-papo* ou *beija-flor*.

Proponho assim, em Paumarí, que a diferença do *ni* pleno para sua contraparte leve é dada por uma questão sintática com categorização de duas raízes em domínio de um Relacionador e após sua concatenação verbal negocia seu significado especial em um único *Spell-out*.

Observemos ainda alguns dados em Paumarí para discussão:

a) bada-Ø o-ni-Ø-na.

Trabalho-n 1sg-Leve-v-Mod

“Eu dou uma trabalhada” (“eu trabalho”, no original)

¹⁰ Omito aqui da estrutura do determinante, por uma questão de concisão; considero que DP toma nP internamente.

¹¹ Agradeço especialmente a um dos pareceristas anônimos do artigo que me apontou estas referências mais atuais acerca das propriedades defectivas das raízes.

b) bada-Ø o-ni-Ø-'a-vini ada abaisana
trabalho-n 1Sg-Leve-v-Apl-Mod dem peixe

“Estou dando uma trabalhada no peixe” (= “preparada no peixe”)

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991, p. 297, adaptado)

c) Okojoa-a bada-Ø bi-ni-Ø-'a-ha ada abaisana.
Okojoa-Erg trabalho 3Sg-Leve-v-apl-Mod dem peixe

“Okojoa deu uma trabalhada no peixe” (= “preparou o peixe”)

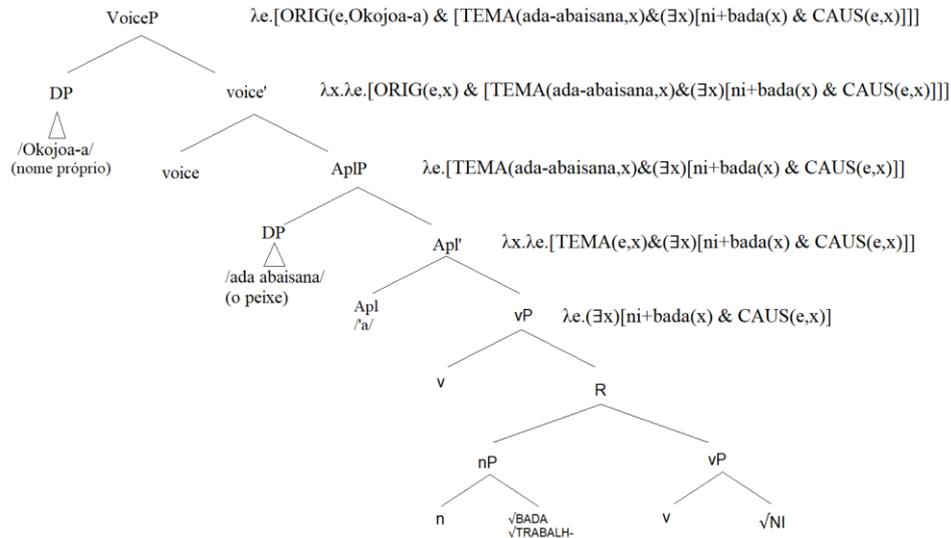
(CHAPMAN, 1978, p. 20, adaptado)

O verbo *ni* leve não permite causativização com *na*¹², provavelmente por sua posição de especificador de VoiceP estar já preenchida, necessitando da concatenação de um aplicativo para licenciamento de um novo “argumento”. Os exemplos em (21) são idênticos sintaticamente aos exemplos anteriores com *mitha* (escutar) e *vara* (falar) em (15); a concatenação do morfema aplicativo -‘a licencia o DP “*ada abaisana*” (o peixe) em (21b); em (21c) é importante notar a presença de um sujeito DP *Okojoa* (nome próprio), não apenas um sujeito pronominal, como nos outros exemplos. A importância desse tipo de ocorrência coletada diz respeito principalmente à concordância: *Okojoa*, além de receber o morfema que marca Caso ergativo na língua em ordem SVO, dispara concordância número-pessoal no núcleo verbal, representado pelo prefixo *bi-* de terceira pessoa, além da concordância do modal *-ha* com o DP masculino “*ada abaisana*”. Esta sentença comprova que a presença de três nomes, *Okojoa* (nome próprio), *abaisana* (peixe), *bada* (trabalho) não significa uma estrutura bitransitiva; ao invés disso, o *abaisana* não é argumento “verdadeiro” de *ni*, posicionando-se em Spec de ApplP, devido ao licenciamento do aplicativo realizado pelo /‘a/.

Bada (trabalho) por sua vez, necessita ser categorizado por um núcleo categorizador enezinho (n) e se posiciona em um nó irmão de *ni*, ambos dentro de um R (relacionador). Semanticamente, temos uma estrutura de eventos disparada pelo vP e pelo VoiceP. O simples fato da estrutura do verbo *ni* ser um componente sintático manipulável e recursivo já exclui a possibilidade deste elemento ser um verbo auxiliar, como classificado pelos Pesquisadores do SIL. Verbos auxiliares são elementos pós-

12 Para melhor explicação da causativa /na/, ver subseção 2.2.

sintáticos, puramente morfofonológicos, sem influência na composição estrutural (MEDEIROS, 2008). Proponho uma expansão da estrutura em (20) com a representação sintática do exemplo (21c) junto do cálculo semântico correspondente de cada etapa da derivação, abaixo:



A lógica do cálculo semântico dos eventos propostos segue abordagens já citadas em Parsons (1990), além de inspirações em Scher, Medeiros & Minussi (2011) e Pylkkänen (2008). Ao entrar na derivação, a raiz \sqrt{ni} é categorizada com um categorizador verbal vezinho (v) – recebendo pós-sintaticamente expoente fonológico /Ø/, ao passo que a raiz \sqrt{bada} é categorizada com um categorizador nominal enezinho (n) – também recebendo expoente fonológico /Ø/. Ambos são selecionados pelo Relacionador (R) que determina o tipo de relação que os dois elementos estabelecerão (atributivo, coordenação, subordinação) aos moldes de palavras compostas propostas por Nóbrega (2020). Este elemento é concatenado a um vezinho que fecha uma fase e estabelece a interação com as interfaces, PF e LF, atribuindo interpretação idiomática ao “composto” formado pelas duas raízes categorizadas n+v. Chamo a interpretação de idiossincrática porém pode tender a uma das raízes, a depender da estrutura e de sua relação estabelecida por R. Por exemplo, na estrutura de *bada+ni* a interpretação parece ser mais proeminente denotada pelo nome *bada*, e é bastante similar a construções de verbos leves em PB como “dar um beijo” ou “dar um chute”, que podem ser – a grosso modo, substituídas por verbos plenos como “beijar” ou “chutar”. Esta é a principal contribuição do nome ao evento denotado. Mais

acima, podemos ver que é uma estrutura bieventiva. Isto se deve à uma possível interpretação causativa da estrutura: ainda que não seja possível a concatenação do causativo /na/ em Paumarí, que permite uma estrutura de alternância causativa, esta estrutura parece ter uma interpretação de causação, mas sem estar em uma estrutura de alternância. Ainda, outro ponto que pode reforçar a possibilidade de uma estrutura bieventiva, é a possibilidade de mudança aspectual nestas estruturas, que parece modificar ambos eventos, tanto a atividade quanto o evento causado. Este tipo de modificação se dá pela peça de vocabulário /'i/ ou mesmo por uma reduplicação da raíz, como visto a seguir:

vara	i-ra	o-ni-'a-'i-hi.
falar	2Sg-Acc	1SG-leve-Apl-Asp-Mod

“Eu falei para você.”

O cálculo do evento é, ainda, incrementado pelo núcleo aplicativo, que proponho que adicione um argumento com papel de TEMA, ao concatenar-se /'a/ ao núcleo verbal, liberando o DP “ada abaisana” (o peixe). Mais uma vez, podemos ver o papel ORIG dado via interpretação em Voice, que no caso é ocupado pelo iniciador do evento, o DP “Okojoa-a”.

Conclusão

Com este artigo, procurei analisar o verbo *ni* classificado como auxiliar na língua indígena Paumarí, de acordo com as descrições dos pesquisadores do *Summer Institute of Linguistics* (SIL). Ao utilizar o arcabouço teórico do modelo construcionista da Gramática Gerativa, Morfologia Distribuída, espero ter contribuído para o estudo dos predicados complexos sob um ponto de vista formal. Este trabalho espera favorecer o enriquecimento de análises linguísticas voltadas às línguas indígenas brasileiras, no caso, o Paumarí. Com base na literatura existente, tentei definir corretamente o estatuto de *ni*, levando em consideração sua capacidade de manipulação argumental e de denotar uma estrutura de eventos bieventiva. A conclusão dada por meio de minha análise, por meio das nuances estruturais do verbo *ni*, permitiu verificar que este verbo tem dois tipos de ocorrências na língua: a) como verbo pleno, no sentido de “dizer” em uma estrutura inergativa, podendo sofrer aumento de valência ao serem licenciados objetos aplicativos com o morfema ‘a; b) verbo leve, vigorando em uma estrutura complexa junto de um nome (DP). Esta

estrutura, em especial, se assemelha sintaticamente à formação de compostos como demonstrado nos trabalhos citados. A presença do Relacionador permite a denotação de uma interpretação complexa com base em ambas as raízes após sua categorização.

Referências Bibliográficas

AMBERBER, M. Transitivity alternations, event-types and light verbs. Tese. (PhD em filosofia). McGill University. Québec, Canada, 1996.

ARAD, M. Locality Constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. *Natural language & Linguistic Theory*, v. 21, 2003.

BASSANI, I. S. & MINUSSI, R. D. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, p. 139-173, 2015.

BORER, H. Exo-skeletal vs. Endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: MOORE, John; POLINSKY, Maria (ed.). *The Nature of Explanation in Linguistic Theory*. Chicago: University of Chicago Press (CSLI), 2003. p. 31–67

BORER, H. *Structuring Sense Volume I: In Name Only*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BUTT, M. The Light verb jungle: still hacking away. In: AMBERBER, M., HARVEY, M.; BAKER, B. (eds.). *Complex predicates in cross-linguistic perspective*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2010.

FILLMORE, C. J. The mechanisms of 'Construction Grammar'. In: AXMAKER, S.; JAISSER, A.; SINGMASTER, H. (eds.). *Berkeley Linguistic Society*, v. 14: General Session and Parassession on Grammaticalization. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1988.

CHAPMAN, S. & DERBYSHIRE, D. Paumari. In: Derbyshire e Pullum (orgs.), *Handbook of Amazonian Languages*. Berlim, Mouton de Gruyter, 1991.

CHAPMAN, S. Paumari derivational affixes. Brasília, SIL, 1978.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

- GONÇALVES, A.; CUNHA, L. F.; MIGUEL, M.; SILVANO, P.; SILVA, F.
Propriedades Predicativas dos Verbos Leves: estrutura argumental e eventiva.
Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de
Linguística. Porto, APL, 2010, p. 449464.
- HALE, K. & KEYSER, S.J.; on the syntax of argument structure. Lexicon Project
Working Papers, Center for Cognitive Science, MIT; 1991.
- HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics* 40(3/4), 225-276, 2014.
- IPPOLITO, M. On the past participle morphology in Italian. In: ARREGI, K.;
BRUENING, B.; KRAUSE, C. & LIN, V. (eds). MIT Working Papers in Linguistics
cycle one, volume 33: papers on Morphology and Syntax. Cambridge, MA, p. 111-
137, 1999.
- KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb”. In J. Rooryck and
L. Zaring eds., *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic
Publishers, p. 109-137, 1996
- OLIVEIRAS, T.R. K. de. As classes verbais em Paumarí. Dissertação de Mestrado.
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy
of your own lexicon. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v.4.
1997.
- MEDEIROS, A. B. (2008). Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica
na gramática do português: um estudo das formas participiais. Tese de doutorado.
UFRJ, Rio de Janeiro
- NÓBREGA, V. A. Raízes: primitivos sintáticos defectivos. *Caderno de Squibs*, v.1,
n.1, p. 43-50. 2015.
- NÓBREGA, V. A. No escape from categorization: na insider's view of compounds.
Ilha do Desterro, v.73, n. 3, p 103-126, Florianópolis, set/dez, 2020.
- PARSONS, T. *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*.
Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

PEDERNEIRA, I. L. Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo de estrutura argumental. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PYLKKANEN, L. Introducing Arguments. Tese (PhD em Linguística) – Departamento de Linguística e Filosofia do Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

SALZER, M. & CHAPMAN, S. Dicionário Bilíngue nas Línguas Paumari e portuguesa. Brasil, 1997.

SCHER, A. P. As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ada no Português do Brasil. Tese de doutorado. Universidade de Campinas. 2004.

SCHER, A. P.; MEDEIROS, A. B.; MINUSSI, R. D. Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída. In: Naves, Rozana Reigota; Salles, Heloísa Maria M. L. (Orgs.). Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais. 1ed. Goiânia: Cênone Editorial, 2011, v. 1, p. 175-198.

VENDLER, Z. Linguistics in Philosophy. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

VIEIRA, M. M. D. Os núcleos aplicativos em Paumari (Família Arawá). Rev. Estudos da Língua (gem). Pesquisas em línguas indígenas. Vitória da Conquista, v.4, n. 2, dez. de 2006.

VIEIRA, M. M. D. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 141-164, 2010.